



LEITURA • ESCRITA • RECURSOS

## APRENDER

### As características dos processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

**Autoria:** São Luís Castro    **Edição:** Andreia Lobo

**No início da aprendizagem, quer a decodificação (leitura) quer a codificação (escrita) exigem atenção e esforço. Não são processos imediatos. Mas é através deles que progressivamente se constrói essa fabulosa ferramenta mental que é saber ler e escrever sem esforço e com fluência.**

#### 1. Os processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

Ler parece imediato, para quem sabe ler bem: aí está o texto escrito, até uma só palavra, e percebemos o que quer dizer, faz-se luz. Por exemplo, estamos numa cidade desconhecida, queremos ir para o centro e não sabemos como – de repente, eis o sinal **CENTRO** →, e o problema fica resolvido, vamos nessa direção. Podemos até nem ter consciência de que lemos a palavra, simplesmente usámo-la porque a percebemos.

Mas suponhamos que essa cidade é onde nasceu Svetlana Aleksievitch, Nobel da Literatura em 2015. A cidade de Ivano-Frankiv'sk na Ucrânia. Lá usa-se o alfabeto cirílico, que – suponhamos também – estamos a tentar aprender: **ЦЕНТР**. Aí já não percebemos logo o que a palavra escrita quer dizer. Podemos reconhecer o P que corresponde ao nosso R, e o H que corresponde ao nosso N, o T que é como o nosso, e assim sucessivamente até conseguirmos reconstruir a palavra e dizer à nossa companheira “Por ali, ‘**tsentr**!’”

**O processo de, a partir da escrita, chegar à palavra falada é designado por decodificação fonológica** ou, mais abreviadamente, **decodificação**. Na verdade, trata-se de um conjunto de processos que vão sofrendo alterações à medida que aumenta a nossa prática e experiência de leitura.

Numa fase inicial da aprendizagem, estes processos requerem a nossa atenção e esforço. Não funcionam em piloto automático. O leitor tem de se aplicar: tem intenção de ler, presta atenção às palavras e aos seus constituintes, procura o seu conhecimento prévio para ser capaz de transformar o escrito em falado. Mesmo que seja só fala interna e não leitura em voz alta. Em termos de psicologia cognitiva, a decodificação não é um **processo automático**: exige recursos cognitivos, é **deliberado** (intencional), consciente e **controlado**. Seja para um leitor principiante, seja para uma criança do primeiro ano de escola ou para um adulto a aprender uma língua que não conhece.

**O processo inverso à decodificação é a codificação**. Em vez de ler, trata-se de **escrever: converter a fala em escrita**. Na forma mais elementar, é ter em mente a palavra falada que conhecemos e queremos passar para o papel ou ecrã, e ser capaz de

produzir um conjunto de traços ou sinais gráficos que captam a maneira como essa palavra é evocada pela escrita. No início da aprendizagem, os processos de codificação também obrigam a que nos apliquemos na tarefa de escrever cada palavra com intencionalidade, atenção e esforço.

**Quer a decodificação quer a codificação precisam de tempo nas fases iniciais da aprendizagem. Não são imediatas.** Pelo contrário, podem até ser bastante lentas. Como se pode ouvir neste exemplo de uma criança que dá os primeiros passos na leitura.

## 2. A importância dos processos de decodificação e codificação numa fase inicial da aprendizagem

Na fase inicial da aprendizagem, os processos de **decodificação fonológica** e de **codificação** são parte intrínseca da nossa aquisição de conhecimento ou domínio da linguagem escrita. É através deles que se edificam os alicerces do nosso saber ler e saber escrever. São eles que **permitem que progressivamente se construa essa fabulosa ferramenta mental que é a habilidade de ler e escrever com fluência e sem esforço**. Em que já não é propriamente à leitura ou à escrita que temos de prestar atenção, mas sim ao que estas duas permitem descobrir ou criar.

## 3. A ciência mostra

Aprender a ler e escrever é como aprender a andar de bicicleta, a nadar *crawl*, a fazer uma pirueta, a jogar xadrez... Como acontece em tantos outros casos, é necessário dominar uma técnica para conseguir um objetivo com um mínimo de exigência e qualidade. Adquirir uma perícia, uma *expertise*.

Nas últimas décadas, têm-se avolumado os estudos sobre a **aquisição de expertise**. Sabemos hoje que, regra geral, esta aquisição se faz por fases. A primeira é a **fase cognitiva**, em que aos poucos se vai percebendo e tomando consciência deste ou daquele aspeto do que se está a aprender, e onde até ajuda verbalizar em voz alta esse conhecimento incipiente. As outras fases são a **associativa** e a **autónoma** (ver também [A aquisição progressiva das habilidades de leitura e escrita](#)).

Na aprendizagem da leitura, essa **primeira fase** corresponde à utilização dos processos de decodificação; na aprendizagem da escrita, à dos de codificação. Trata-se fundamentalmente de apreender o princípio alfabético: perceber a associação entre os elementos da escrita, as letras, e os elementos das palavras faladas, os fonemas. Crítico aqui é o aspeto analítico e não completamente intuitivo: **é preciso dirigir a atenção não para o sentido das palavras como seria natural, mas sim para o seu som**. Focar a atenção não na mensagem, mas no mensageiro. E para quê? Para estabelecer a relação entre o som (o fonema) e a letra, a unidade em que se baseia o nosso sistema de escrita alfabética. Parece coisa pouca, mas não é.

Conhecendo as letras que correspondem aos fonemas, a criança pode ela própria ensaiar a sua escrita. Por exemplo: escrever um bilhete sem instrução direta do adulto. Pode também aventurar-se pela leitura de palavras desconhecidas, ainda que soletrando sílaba a sílaba, letra a letra. Detém este novo poder porque começa a conhecer o código que liga a linguagem falada à escrita: as correspondências grafema/fonema.

As correspondências grafema/fonema têm duas faces: a gráfica (escrita) e a sonora (falada). Assim, na **fase inicial da aprendizagem são fundamentais**, por um lado, o **conhecimento do alfabeto** e, por outro, a **capacidade de segmentar a corrente de fala das palavras** (ver também Tomada de consciência dos fonemas). Relativamente ao alfabeto, estima-se que, quando a criança conhece cerca de 80% das letras – no português, perto de 20 letras –, ela começa a ser capaz de ler, sem errar, pequenas palavras reais ou até inventadas que não tinha memorizado antes. A criança não precisa de conhecer à partida aquilo que se tornou capaz de ler. Todavia, a leitura que faz é lenta, pode ter hesitações frequentes e não ser correta.

Como noutras aquisições de *expertise*, **só com a prática continuada é que a leitura e a escrita se tornam fluentes, mais rápidas e menos dependentes da atenção e do esforço**. Afinal, também nós, adultos leitores fluentes, tivemos de nos esforçar para ler o nome da cidade em que nasceu Svetlana Aleksievitch: Ivano-Frankivs'k. Por ser numa língua desconhecida, ficámos momentaneamente como uma criança na fase inicial da aprendizagem. Foi preciso decodificar a sequência de letras incomum “kivs'k” num processo sequencial, da esquerda-para-a-direita, com base no conhecimento de como cada letra representa um som e, mais precisamente, um fonema. E para isso precisámos de mais tempo e alguma atenção e esforço.

## Leituras Sugeridas

- Dehaene, S. (2012). *Os neurónios da leitura. Como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Editora Penso. (Tradução para o português do Brasil. Edição original de 2009)
- Morais, J. (2013). *Alfabetizar em democracia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

## Ler também

**APRENDER** – Apreensão do princípio alfabético

**DESENVOLVER** – Aquisição progressiva das habilidades de leitura e escrita: de uma fase de controle consciente a uma fase de processamento automático